

Aposta no crescimento

BRASÍLIA - O secretário de Política Econômica, Edward Amadeo, diz não se preocupar com a possibilidade de o país se desvirtuar das metas fiscais acordadas com o Fundo Monetário Internacional (FMI). Pelo contrário, usa o cenário macroeconômico do acordo para traçar previsões da economia brasileira no ano 2000. "O Produto Interno Bruto (PIB) vai crescer 4% e o nível médio de desemprego será menor do que 7% da População Economicamente Ativa", afirma.

Confirmado este cenário, a economia do país não só terá crescido numa velocidade duas vezes maior do que a média dos últimos 20 anos, como atingirá o mesmo nível de desemprego de antes da crise asiática. "Não há motivos para acreditar no contrário", prega Amadeo. Neste ano, o desemprego médio atingiu 7,5% da PEA.

O secretário acredita firmemente que a recuperação da atividade econômica será liderada pela indústria. Cita nominalmente os ramos de bens duráveis (fábricas de carros, eletroeletrônicos) e de bens de capital (construtores de máquinas e equipamentos), justo os dois que mais sofreram com a abertura comercial iniciada no começo da década e com a sobrevalorização da moeda nos primeiros quatro anos do Plano Real. "Se você fizer uma projeção de qualquer índice de inflação, chegará à menor taxa de juros real (descontada a inflação) desde 1994", afirma Edward Amadeo. "Isso impacta na recuperação da indústria."

Embora evite reconhecer claramente, ele dá a entender que a mudança de regime cambial feita em janeiro - que resultou na desvalorização de 40% do real - corrigiu parte das distorções da economia. "Tivemos uma desvalorização bem-sucedida. Isso faz uma diferença enorme", afirma. "A recessão foi menor do que se esperava e os salários reais caíram menos do que o previsto."

Edward Amadeo reconhece que o custo de algumas mercadorias subiu e os comerciantes não o repassaram, depois da desvalorização do real. E que agiram assim porque a economia estava em recessão. Mas não concorda que exista uma "inflação reprimida" pronta para chegar aos preços logo que a economia volte a crescer. "O exemplo americano é bom. Eles crescem a 3% ao ano por nove anos seguidos, têm o nível de emprego mais alto dos últimos 20 anos e a inflação não cresceu", espanta-se. "Será que isso só serve para eles?" (U.B.)



Raul Velloso calcula um corte de R\$ 800 milhões nos projetos de cunho social do governo

Josemar Gonçalves - 14/4/1999



Amadeo prevê queda na taxa de desemprego e não crê que crescimento traga inflação de volta